

Entre a tradição e a subsistência: Precarização do trabalho artesanal no interior do Tocantins

 Francisca Maria Carvalho Cardoso ¹,  Maria Gabriela Silva Oliveira ²

^{1, 2} Universidade Federal do Tocantins – UFT. Coordenação do Curso de Psicologia, Campus Miracema. Av. Lourdes Solino, 195, Setor Universitário. Miracema do Tocantins, Brasil.

Autor para correspondência/Author for correspondence: francisca.cardoso@mail.uft.edu.br

RESUMO. O estudo vincula-se à temática de saberes tradicionais, cuidado coletivo e saúde mental em comunidades interioranas do estado do Tocantins - Brasil, analisa o processo de identidade e a relação com a saúde mental no trabalho artesão em Porto Nacional - TO. O artesanato é considerado prática que articula arte, imaginários, tradições, natureza e saberes tradicionais no Tocantins. Desse modo, destacamos o seu papel na construção do saber local e do trabalhador artesão, em que sua produção é presente de sentidos, significados e subjetividade. A pesquisa é de cunho qualitativo, realizada com três artesãos, onde os instrumentos foram: questionário sociodemográfico e entrevista semiestruturada. Os resultados foram categorizados a partir da análise de conteúdo na perspectiva de Bardin (2016). Desse modo, evidencia-se a transmissão de saberes tradicionais através do ofício do artesão local, que reflete a relação com o território, mas também os atravessamentos da saúde mental. Os resultados apontam tanto para a dimensão criativa, formativa, e laboral, mas também revelam elementos quanto à precarização, falta de incentivo à saúde e saúde mental do artesão na informalidade e ausência de políticas públicas. Consideramos que a atividade artesã como prática de resistência cultural, é também elemento de formação humana e valorização da cultura local, onde saúde mental e condições dignas de qualidade de vida nesta atividade laboral são essenciais.

Palavras-chave: artesanato, contextos interioranos, precarização do trabalho, saberes tradicionais.

RBEC	Tocantinópolis/Brasil	v. 11	e20630	UFNT	2026	ISSN: 2525-4863
------	-----------------------	-------	--------	------	------	-----------------



Este conteúdo utiliza a Licença Creative Commons Attribution 4.0 International License
Open Access. This content is licensed under a Creative Commons attribution-type BY

Between tradition and subsistence: Precarization of artisanal work in the interior of Tocantins.

ABSTRACT. This study, linked to the theme of traditional knowledge, collective care, and mental health in rural communities of the state of Tocantins, Brazil, analyzes the identity process and its relationship with mental health in artisan work in Porto Nacional, Tocantins. Craftsmanship is considered a practice that articulates art, imaginaries, traditions, nature, and traditional knowledge in Tocantins. Thus, we highlight its role in the construction of local knowledge and the artisan worker, where their production is imbued with senses, meanings, and subjectivity. The research is qualitative in nature, conducted with three artisans, using a sociodemographic questionnaire and a semi-structured interview as instruments. The results were categorized using content analysis from the perspective of Bardin (2016). The study reveals the transmission of traditional knowledge through the craft of the local artisan, reflecting the relationship with the territory, but also the intersections with mental health. The results point to the creative, formative, and labor dimensions, but also reveal elements regarding precariousness, lack of incentives for the health and mental health of artisans in the informal sector, and the absence of public policies. We consider that artisan activity, as a practice of cultural resistance, is also an element of human development and appreciation of local culture, where mental health and dignified living conditions in this work activity are essential.

Keywords: handicraft, inland contexts, precarious work, traditional knowledge.

Entre la tradición y la subsistencia: Precarización del trabajo artesanal en el interior de Tocantins

RESUMEN. Este estudio, vinculado al tema del conocimiento tradicional, el cuidado colectivo y la salud mental en comunidades rurales del estado de Tocantins, Brasil, analiza el proceso de identidad y su relación con la salud mental en el trabajo artesanal en Porto Nacional, Tocantins. La artesanía se considera una práctica que articula arte, imaginarios, tradiciones, naturaleza y conocimiento tradicional en Tocantins. Por lo tanto, resaltamos su papel en la construcción del conocimiento local y del artesano, donde su producción está imbuida de sentidos, significados y subjetividad. La investigación es de naturaleza cualitativa, realizada con tres artesanos, utilizando un cuestionario sociodemográfico y una entrevista semiestructurada como instrumentos. Los resultados se categorizaron mediante análisis de contenido desde la perspectiva de Bardin (2016). El estudio revela la transmisión del conocimiento tradicional a través del oficio del artesano local, reflejando la relación con el territorio, pero también las intersecciones con la salud mental. Los resultados apuntan a las dimensiones creativa, formativa y laboral, pero también revelan elementos relacionados con la precariedad, la falta de incentivos para la salud física y mental de los artesanos del sector informal y la ausencia de políticas públicas. Consideramos que la actividad artesanal, como práctica de resistencia cultural, es también un elemento de desarrollo humano y de valoración de la cultura local, donde la salud mental y unas condiciones de vida dignas en esta actividad laboral son esenciales.

Palabras clave: artesanía, contextos interiores, precarización del trabajo, saberes tradicionales.

Introdução

O trabalho é uma atividade desempenhada e que está presente na vida do ser humano, tanto que as histórias de vida se entrelaçam com as histórias relacionadas à atividade laboral. Assim, são inúmeros os aspectos do ofício humano que marcam a vida das pessoas e acabam produzindo significados. Logo, o ofício na vida do ser humano apresenta um papel importante na experiência pessoal, na sua identidade e vida social. Nesse sentido, “não é possível dissociar o estudo da identidade do indivíduo da sociedade” (Ciampa, 1989, p. 72).

A atividade laboral envolve aspectos objetivos, como remuneração, e subjetivos, como os significados atribuídos à função exercida, isto é, o “trabalho é aquilo que implica, do ponto de vista humano, o fato de trabalhar: gestos, saber-fazer, um engajamento do corpo, a mobilização da inteligência, a capacidade de refletir, de interpretar e de reagir às situações” (Dejours, 2004, p. 28).

O presente estudo objetiva compreender as relações entre trabalho artesanal, identidade e saúde mental para artesãos de Porto Nacional – TO, considerando os atravessamentos da informalidade e da precarização laboral. Para tanto, discutimos o artesanato enquanto atividade informal e os protagonistas desse percurso foram convidados a participarem a fim de que pudessem narrar a história das trajetórias da produção artífice no município de Porto Nacional, interior do estado do Tocantins.

Cabe destacar, que entendemos a questão histórico-cultural do ofício artesão e seus atravessamentos na saúde mental, educação, trabalho informal e precarizado, no estado do Tocantins – Brasil, como ponto essencial para sinalizar a análise deste artigo apenas na cidade de Porto Nacional – TO, como região histórica do referido estado e com atividade artesã tipicamente fabricada a partir do que é ofertado pela natureza regional.

Segundo Araújo (2014, p. 24), o ofício artesão está relacionado à criatividade e ao saber local, aspectos relevantes para a compreensão da sociedade. Desse modo, “a arte realiza uma ascensão de grande envergadura. Antes de tudo, representa o que a sociedade moderna concede à subjetividade”.

Nesse sentido, o estudo relaciona-se à Educação no Campo, no que tange aos aspectos que dialogamos com os artesãos na localidade, seus saberes tradicionais, com a arte manual, presente na região com a fibra do capim dourado, por exemplo, pela prática popular e saberes locais que permeiam a cultura, a história e identidade da região de Porto Nacional - TO, em um

contexto de precário investimento em políticas públicas para o ofício artesão e para a permanência desses saberes, além desse fato ocorrer em uma região interiorana do estado do Tocantins, na Região Norte do Brasil, e por esses artesãos apresentarem em suas práticas saberes e realidade da educação popular, da sua cultura e identidade locais, marcadas por um contexto de precarização da produção artífice que desempenham em sua comunidade.

Artesanato e identidade

O ofício do artesão se configura como papel da arte de criar a partir da atividade manual, e vem adquirindo notoriedade na economia do Brasil. Carvalho e Bendassolli (2019), assinalam que o trabalho artesanal é fonte de desenvolvimento econômico no Brasil e faz girar quase cinquenta bilhões de reais anualmente no país. Conforme a Empresa Brasileira de Comunicação – EBC, é uma média de 7 a 8% do Produto Interno Bruto - PIB nacional. As participações de produção e comercialização mais fortes são das regiões Norte e Nordeste, com cerca de 65% da produção de todo o país.

No entanto, a produção artífice é realizada em condições de precarização, ou seja, a “informalidade deixa de ser a exceção para tendencialmente tornar-se a regra e a precarização passa a ser o centro da dinâmica do capitalismo flexível” (Antunes & Druck, 2013, p. 214).

Como justificativa, sinalizamos que é diante desse contexto que nos propusemos a analisar o percurso histórico a partir das narrativas e memórias, sobre o trabalho, significado e história do artesão no Tocantins.

O presente artigo, tem sua relevância na medida em que pode contribuir como forma de se entender os significados, identidade e saberes locais, dessa atividade para o estado do Tocantins, bem como visa deixar a história como legado para a comunidade local e acadêmica. Busca ainda entender os significados atribuídos ao saber-fazer do artesão, a precarização, os caminhos da informalidade e processos identitários.

Percursos entre educação popular e saberes em tempos de precarização.

A Educação do Campo utiliza a metodologia e os princípios da Educação Popular de Paulo Freire, como forma de atribuir valor aos saberes populares, observando a educação como ato político, meio de luta e produção de práticas pedagógicas.

a Educação Popular é uma inspiração metodológica, sendo instrumento útil para analisar o contexto local por meio dos conhecimentos e das experiências prévias para melhor compreensão das determinações das situações-problema e a elaboração de propostas de soluções e ações. É um processo de materialização do protagonismo popular das comunidades, em que se fornecem meios participativos de compartilhamento de conhecimentos, para a construção de políticas públicas mais efetivas, e se promovem e protegem a saúde dessas comunidades (Arjona et al., 2024, p. 7).

Na perspectiva freireana, os saberes populares constituem formas legítimas de produção de conhecimento e consciência social, onde a atividade laboral artesã, enquanto prática cultural e coletiva, ultrapassa a dimensão produtiva e econômica, configurando-se como espaço de humanização, resistência cultural e fortalecimento identitário. Conforme assinala, Costa (2016), ao discutir o pensamento de Paulo Freire, a educação popular deve estar vinculada à valorização da cultura marginalizada e à construção crítica da realidade social.

Sob esse viés, os saberes tradicionais presentes na atividade artesanal interiorana revelam modos de existência e pertencimento que se constroem coletivamente na relação com o território, com a memória e com as práticas culturais, reafirmando o saber local diante dos processos de precarização e invisibilização social. Nesse sentido, Santos (1996), apresenta a realidade da desigualdade, e no Brasil, ainda mais prevalente em um contexto atual de precarização e prevalência da informalidade.

A regulação social da modernidade capitalista se, por um lado, é constituída por processos que geram desigualdade e exclusão, por outro, estabelece mecanismos que permitem controlar ou manter dentro de certos limites esses processos (Santos, 1996, p. 5).

O trabalho em seu contexto de desigualdade, principalmente, em tempos de informalidade laboral, ocorre em meio ao processo de “*uberização*” (Antunes, 2020), que não representa fortalecimento laboral, mas sim, a intensificação da exploração com nova roupagem tecnológica, onde a subjetividade, o corpo e a saúde dos trabalhadores são colocados a serviço de plataformas que se isentam de qualquer responsabilidade social.

A precarização é presente não só na desvalorização dos direitos dessas formas laborais “independentes”, mas também comparece quando não há uma preocupação das condições laborais existentes para aquele indivíduo, quanto ao seu desgaste físico e mental para estar presente e conseguir obter retribuição de uma atividade que o remunera de forma injusta e depreciada.

Metodologia

Tipo de pesquisa

O artigo se caracterizou como uma Pesquisa Social, baseada em uma investigação que busca compreender os fenômenos sociais de forma subjetiva (Minayo, 2007), sobre a habilidade da técnica manual no Tocantins, marcadamente em seis cidades próximas em localização e de possível acesso. A pesquisa perpassou as cidades de: Miracema do Tocantins, Miranorte, Tocantínia, Lajeado, Palmas e Porto Nacional no estado do Tocantins, referindo-se ao ofício manual local. Optamos neste manuscrito, abordar parte da pesquisa, que concerne ao município de Porto Nacional, por representar o caráter de cidade histórica, de preservação de saberes populares e pelo contexto interiorano ainda prevalecer saberes tradicionais.

Dessa maneira, foi utilizada a Metodologia Qualitativa, com fonte primária de informação, visitas de campo e em seguida coleta de dados por meio de questionário sociodemográfico e entrevistas com os artífices sobre os significados do trabalho atribuídos pelos artesãos e o exercício laboral na região do Tocantins supramencionada.

Participantes do estudo e o perfil sociodemográfico

Os participantes do estudo foram profissionais artesãos, três (n=3), do município de Porto Nacional, mediante a aproximação sucessiva dos protagonistas da pesquisa, nesse campo de conhecimento, e de intervenção buscou-se apreender o ponto de vista dos profissionais acerca da atividade desenvolvida.

Justifica-se a quantidade de participantes por escolha de pesquisa, entre aqueles que aceitaram participar da entrevista e questionário, que estão há mais de um ano na atividade citada, bem como o caráter da pesquisa qualitativa ser focada em aprofundamento e significados, não detém a necessidade de um número maior de participantes, como em pesquisas quantitativas. Quanto aos critérios de inclusão participaram artesãos de Porto Nacional – TO, que estivessem na atividade laboral há mais de um ano, apresentassem disponibilidade de em torno de uma hora para participar da pesquisa e que não fossem membros de nenhuma associação.

No que concerne aos dados sociodemográficos assinalamos que os participantes foram os profissionais artesãos, em sua maioria, mulheres, com educação básica (ensino fundamental incompleto), casadas, com mais de um filho, dois empregos, ou aposentadas e com a faixa etária entre 52 a 72 anos. Mediante a aproximação sucessiva dos protagonistas do trabalho buscamos

apreender o ponto de vista dos profissionais acerca da configuração do trabalho artesão nesse espaço.

No Brasil, boa parte dos aposentados permanece trabalhando devido ao sentido contemporâneo de se trabalhar, que se opõe ao ócio e ainda prevalecendo a representação social de quem não trabalha como alguém sem valor social, mesmo com a reduzida remuneração das aposentadorias, idosos continuam trabalhando, eles prezam por continuar com o vínculo trabalhista, ainda pelo desejo de valorização, reconhecimento e de continuar a sentir-se útil.

A permanência de pessoas idosas trabalhando é devido não só ao aumento da população idosa, mas à carência de mão-de-obra mais jovem. Como o envelhecimento ocorre de maneiras diferentes para países desenvolvidos e subdesenvolvidos, alguns países se encontram mais preparados para absorver a mão-de-obra idosa. Portanto, condições inseguras de trabalho ameaçam a saúde do trabalhador mais velho, já que o trabalho pode não ser lhes adequado (Pazos & Ferreira, 2024, p. 9).

Cabe destacar a vulnerabilidade socioeconômica em certos “grupos em detrimento de outros, considerando um país de dimensões continentais como o Brasil, com enorme diversidade sociocultural e desigualdades intrínsecas” (Guimarães et al., 2020, p. 132). Em “contextos de fortes desigualdades sociais, de tendência à focalização cada vez mais presentes nas propostas de políticas sociais, o território representa uma forma de fazer valer as diferenças sociais, culturais” (Koga, 2011, p. 56), que deveriam ser levadas em consideração nos desenhos das políticas públicas locais.

Instrumentos e Coleta de dados

Como instrumentos e coleta de dados da pesquisa, tivemos questionário sociodemográfico e entrevista semiestruturada, destinados aos artesãos locais. Esses instrumentos tiveram como objetivo conhecer as características profissionais desses trabalhadores.

Na pesquisa de campo, a entrevista semiestruturada “combina perguntas fechadas e abertas, em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada” (Minayo, 2006, p. 64).

As entrevistas foram feitas em Porto Nacional - TO, no ano de 2025, onde um artesão indicou o outro para responder o questionário e entrevista, por meio da técnica “**bola de neve**”, em que se entra em contato com um profissional artesão e assim ele encaminha a outro artesão.

Fraser & Gondim (2004), assinalam que a entrevista na pesquisa qualitativa, possibilita uma compreensão da realidade humana que se apresenta acessível através de discursos. Por isso, a entrevista é apropriada em investigações onde o objetivo é conhecer como as pessoas percebem o mundo. A entrevista semiestruturada segundo Flick (2004), permite ao entrevistador maior liberdade para organizar as perguntas e ir além das respostas (Minayo, 2006, p. 100). As entrevistas foram gravadas em áudio e transcritas para análise.

Análise dos dados

Quanto à análise dos dados a partir do método qualitativo. Tivemos como base a proposta de Análise Temática de Conteúdo. Conforme Bardin (2016), para fazer esta análise é preciso compreender os núcleos de sentido que fazem parte dos discursos, além da presença ou frequência que aparecem dentro do objeto estudado. Reformulação de Hipóteses e Objetivos, Momento para leitura e releitura do material e previsões iniciais, podendo reformular/corrigir novos parâmetros encontrados durante a exploração da pré - análise.

“A pesquisa qualitativa não procura enumerar e/ou medir os eventos estudados, nem emprega instrumental estatístico na análise dos dados” ... Envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos” (Godoy, 1995, p. 58).

O material oriundo da fonte primária de informação foi tratado com rigor epistemológico e ético cumprindo os ditames legais e éticos de proteção do sujeito da pesquisa. Cumpre destacar, que se tratou de um estudo que utilizou fonte primária de informação, ou seja, informação viva, como a história (Ferreira, 2009), para conhecer a narrativa desses profissionais.

Aspectos éticos

A pesquisa foi realizada em consonância com os preceitos éticos da pesquisa envolvendo seres humanos, respeitando os princípios éticos e garantindo o respeito à autonomia do participante da pesquisa, por meio do seu consentimento livre e esclarecido, além do sigilo relativo às informações e a privacidade, conforme estabelece o CNS nº 466/2012 e a Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, que exige avaliação e aprovação de projetos de pesquisa por Comitê de Ética em Pesquisa.

Para a garantia ao respeito à dignidade humana e proteção devida aos participantes das pesquisas científicas envolvendo seres humanos, a presente pesquisa seguiu todos os preceitos necessários, e foi apreciada pelo Comitê de Ética da UFT, recebendo parecer favorável, com o número de CAAE: 87993825.1.0000.5519.

Resultados e Discussões

Caracterização do município de Porto Nacional - TO

A cidade de Porto Nacional - TO, lócus da pesquisa, é um município caracterizado por ser de pequeno porte II ou médio porte, que são municípios entre 50.000 a 100.000 habitantes, com uma estrutura menor que a capital e em muitos casos, como é Porto Nacional, ainda distam mais de 50 km da capital do estado, Palmas.

Destacamos na pesquisa, o artesanato do referido município, como representativo dos aspectos sociais, culturais e identitários da região de forma que os participantes salientam a importância do ofício enquanto atividade que apresenta a relevância e sustentação dos saberes populares locais.

No que se refere à produção artesã popular tocantinense, essa visão ajuda a entender como as peças artesanais são muito mais que objetos: são expressões de um povo que, ao mesmo tempo preserva sua cultura e resiste à padronização imposta pela sociedade dominante.

Ciampa (1984), aponta que a identidade não é algo pronto ou imutável, mas sim um caminho que se constrói e se reconstrói a cada dia, sempre em diálogo com o mundo social e histórico em que vivemos. Ela não existe isoladamente — nasce do encontro com os outros, das trocas e das relações que tecem nossa existência.

O ofício manual, não só representa o sentimento de pertença do artesão, mas também o reinventa. Ciampa (1984), assinala que a identidade é uma manifestação da nossa humanidade em constante movimento, formada por múltiplas vozes sociais, que se entrelaçam e se transformam com o tempo. De acordo com Bendassolli e Borges-Andrade (2011), o que a diferencia de outras formas de produção.

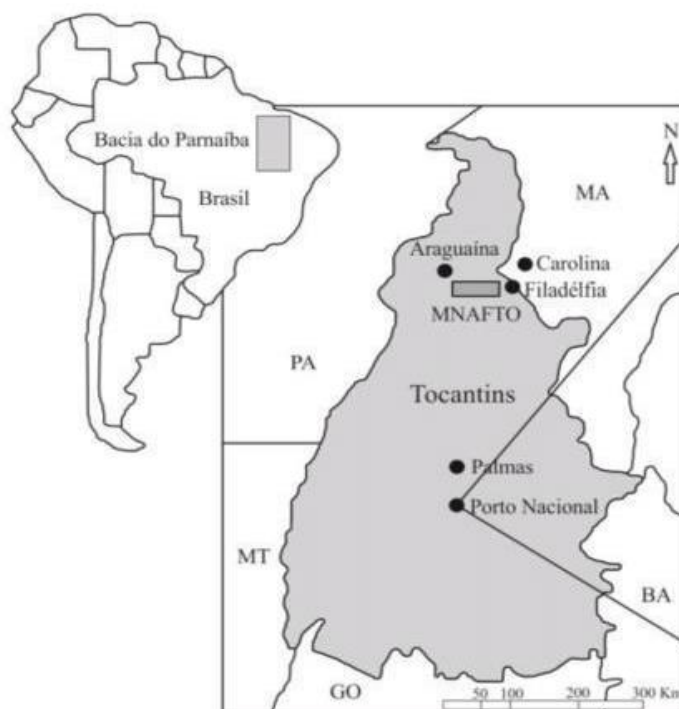
A cidade de Porto Nacional - TO, está localizada na Mesorregião Oriental do Tocantins, a aproximadamente 60 quilômetros da capital do estado, Palmas. Com uma área territorial de 4.434,680 km² e população de 64.418 habitantes, segundo dados do Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (Ibge, 2022), o município apresenta densidade demográfica de cerca de 14,5 habitantes por quilômetro quadrado. Essa configuração espacial

reflete a presença de amplas áreas rurais e comunidades distribuídas em um território extenso, o que influencia diretamente nas dinâmicas sociais, econômicas e culturais locais (Ibge, 2022). Está próximo à região de Tocantínia, que concentra o povo Xerente (Terra Indígena Xerente), influenciando a presença indígena na área.

Porto Nacional integra a Região Metropolitana de Palmas, instituída pela Lei Complementar nº 2.824, de 30 de dezembro de 2013, (Tocantins, 2013), que organiza a articulação entre diversos municípios com o objetivo de promover o planejamento regional e o desenvolvimento socioeconômico. Essa região é composta pelos municípios de Palmas, Aparecida do Rio Negro, Barrolândia, Brejinho de Nazaré, Fátima, Ipueiras, Lajeado, Miracema do Tocantins, Miranorte, Monte do Carmo, Oliveira de Fátima, Paraíso do Tocantins, Lagoa do Tocantins, Nova Rosalândia, Novo Acordo, Rio dos Bois, Santa Tereza do Tocantins, Porto Nacional, Pugmil, Silvanópolis e Tocantínia. No ano de 2025, acrescentaram a esta região, mais 10 municípios, sendo eles: Chapada de Areia, Cristalândia, Divinópolis, Lagoa da Confusão, Lizarda, Mateiros, Monte Santo, Ponte Alta do Tocantins, Rio Sono e São Félix do Tocantins, a região conta agora com 31 municípios, os quais compartilham interesses sociais, econômicos e políticos comuns, fortalecendo a integração regional e a cooperação entre os entes públicos (Tocantins, 2013).

Situado às margens do Rio Tocantins, como observa-se na Figura 1, Porto Nacional possui um patrimônio histórico e cultural fortemente vinculado à navegação e às tradições ribeirinhas, elementos que marcam a cultura local e se refletem em manifestações artísticas, festividades populares e nas práticas artesanais da região (Ibge, 2022).

Figura 1 - Mapa da cidade de Porto Nacional



Fonte: Mendes, Nunes & Pires (2015)

A população de Porto Nacional possui uma trajetória histórica marcada pela forte influência de instituições religiosas e educacionais na constituição de sua vida social e cultural. Desde o século XIX, a cidade estabeleceu estreita relação com a Igreja Católica, contribuindo para a formação de instituições de ensino e espaços de sociabilidade ligados à educação e à cultura local. A atuação da Ordem Dominicana, especialmente a partir do final do século XIX, esteve diretamente associada à criação de escolas, seminários e atividades culturais que influenciaram a formação intelectual e moral da juventude portuense. Além disso, a presença dessas instituições contribuiu para a consolidação de práticas educativas e culturais que impulsionaram o desenvolvimento social da cidade (Dourados, 2015).

Esses elementos históricos ajudam a compreender o contexto sociocultural em que se inserem as práticas produtivas e identitárias locais, como a atividade manual, evidenciando a importância das instituições sociais na constituição das formas de produção, cultura e identidade na região.

Nesse sentido, o percurso teórico estudado sobre a temática é essencial para identificar os aportes teóricos significativos e reconhecer os limites da produção existente sobre o tema (Grazziotin, Klaus & Pereira, 2022). Em análise de dados emergiram algumas categorias, são elas:

Identidade e relação com o trabalho

Nesta categoria discutimos como a identidade do artesão pode ser construída a partir de sua relação com o trabalho. Nesse sentido, o ofício artesanal, não se configura apenas como uma atividade produtiva, mas também como um espaço de construção de sentido, pertencimento e reconhecimento social, como dito pelo Participante 2,

O que mudou muito com esse trabalho foi minha autoestima. Eu vivia muito para baixo. Até porque quando eu trabalhava, quando eu não trabalhava, também era muito baixa. Eu me sentia assim, **parece que excluída do ponto da sociedade**. Para mim, parece que ninguém me via (Fragmentos de entrevista do Participante 2, destaques nossos).

Eu creio que é mais é o **capim dourado**. Porque sobre o artesanato, **não é muito valorizado** aqui, não é? Não é muito valorizado. Nem falam em artesanato aqui. Eles preferem o quê? Essas sandálias de brilho. **Artesanato eles não dão muito valor, não**. O artesanato aqui, falaram que é o lugar da cultura, da nossa história, mas eu não vejo nada disso. Tinha que ser bem mais explorado (Fragmentos de entrevista do Participante 1, destaques nossos).

O participante 1, evidencia como os artesãos percebem o fazer artesanal como parte de sua história de vida e pertencimento cultural. A relação entre identidade e fazer laboral pode ser compreendida a partir da perspectiva de Ciampa (1989), que entende a identidade como um processo em constante construção, produzido nas relações sociais e nas práticas cotidianas dos sujeitos. Nesse sentido, o ofício artesão constitui um espaço privilegiado de reconhecimento social e de produção de sentido para o indivíduo.

Aprendi muitas coisas nessa longa jornada da vida. E a gente nunca sabe tudo. Eu nunca sei. Não vou falar pra você que eu sei. Cada dia eu estou aprendendo. Agora, cada dia, a gente tá aprendendo. Porque tem internet, não é? É um campo aberto! É livre! Outras pessoas que chegam aqui, pacientes que também sabem fazer alguma coisa. Não é artesão, mas sabe. Sabe fazer um tapete, sabe fazer uma bolsa, um brinco, não é? Então, você se encanta também ver pessoas com as mesmas habilidades. Eu falo assim, você é uma artesã. Porque o artesão não é aquele que vai, compra e faz. **O artesão é aquele que cria, que faz alguma coisa, não é?** (Fragmentos de entrevista do Participante 1, destaques nossos).

Do que eu faço, das oficinas, das minhas oficinas [o participante faz oficinas em diversos lugares, como Centro de Atenção Psicossocial – CAPS, e é contratado pela gestão para realizar oficinas para os usuários do serviço]. Não tem nem quem diga ou fala assim: Ah, não gosto! **Eu sei que eu estou transmitindo alguma coisa de bom para eles [usuários que frequentam o CAPS e as oficinas de artesanato] e eu sei que eles [usuários que frequentam o CAPS e as oficinas de artesanato] gostam e criam** (Fragmentos de entrevista do Participante 3, destaques nossos).

Conforme apontam os estudos sobre produção laboral e reconhecimento, a partir de Coutinho & Cirino (2019), a atividade laboral pode possibilitar a criação, bem como a construção e constituição da identidade, uma vez que, por meio dela, o sujeito tem a oportunidade de contribuir socialmente e receber reconhecimento por sua atuação, o que impacta diretamente sua autoestima e sua percepção de pertencimento social. Dessa forma, ao relatar que o saber-fazer artesanal contribuiu para o aumento de sua autoestima e para que deixasse de se sentir invisível socialmente, o participante 2 evidencia como o fazer artesanal pode atuar como um importante espaço de reconstrução e de reconhecimento social.

Os resultados da pesquisa evidenciam que o artesanato em Porto Nacional - TO constitui um espaço de articulação entre arte, criação, criatividade, construção, imaginários, ancestralidade, tradições e natureza. Assim, o artesanato evidencia uma dimensão ecológica e simbólica, na qual natureza e cultura se entrelaçam.

Precarização do trabalho artesanal: desafios para as políticas públicas

As entrevistas evidenciam que a habilidade técnica manual, embora carregada de significado e identidade para os participantes, também é marcada por uma realidade onde são presentes condições de precariedade relacionadas principalmente às dificuldades de acesso a materiais, custos de deslocamento e ausência de políticas de incentivo. Os artesãos relatam que na cidade de Porto Nacional não tem investimentos para o artesanato,

É um lugar que não ajuda você a desenvolver a sua criatividade. É um lugar que o **comércio não tem nada que você consiga vender, chamar atenção do cliente ... O comércio não tem nada pra você mexer com o artesanato** (Fragmentos de entrevista do Participante 1, destaques nossos).

Ah, eu acho assim, sabe? É como eu falo pra você. Você fazendo o artesanato, ele automaticamente, você fica de bem com a vida. Não tem como você se estressar criando ou fazendo algo que você gosta. Então, eu acho que para mim está ótimo! Eu não fico tensa, nem fico nervosa, não é? Acho que todos esses anos que eu venho mexendo com o artesanato me ajudaram, apesar que agora se limitou bastante, **porque não tem comércio aqui, não tem nada**. Não sei como eu falo pra você. Agora, tem gente que pega nossas peças e diz que é deles, é na capital isso, e aí **você comprar uma peça pronta e falar que é sua, que você que fez, eu acho que isso aí é um crime danado**. Então, eu acho que eles **desvalorizam a gente, esse trabalho**. Entendeu? (Fragmentos de entrevista do Participante 3, destaques nossos).

E você vê muita coisa que você quer fazer, mas a cidade, **o comércio não te devolve aquilo**. Se você quiser, você tem que ir lá em Palmas. Aí, é pior ainda. Como é que eu vou sair daqui e ir lá em Palmas, **investir e vender uma coisa que você sabe que não vai ter retorno? Entendeu? Não vai ter retorno**. Olha, eu não quero falar mal da cidade, sabe? E o povo daqui

é maravilhoso, não posso falar nada. Agora o artesanato, **o povo daqui para comprar o artesanato é difícil, muito difícil**. E eu acredito ainda que as pessoas não comprem, não é porque elas não gostam. Porque elas chegam, olham as peças da gente, elas se encantam com as coisas, mas a falta do dinheiro, é que é a coisa que acontece. **Porque ninguém vai deixar de comer para comprar um guardanapo, um tapete, não é?** Eu acho que o problema está aí, sabe? Não é porque não gostam, porque desprezam, não é? Porque a gente vê que as pessoas admiram, a gente vê. A pessoa que passa e não dá muita bola, a gente vê que está desprezando, não é? Mas, não, aqui não tem disso. Aqui todo mundo gosta, olha e tal, e tal, e tal, e a gente diz o preço. Também a gente não pode vender muito barato, porque o trabalho que dá é grande. E tu perde o teu tempo. Não que eu não tenha, não é? **Que eu vá depender disso, mas é um complemento**. Eu também não vou fazer à toa, não é? (Fragmentos de entrevista do Participante 2, destaques nossos).

Não saio muito, mas um dos poucos que eu já andei acompanhando esse pessoal. **É um trabalho que as pessoas gostam. Só que é aquela coisa... Não tem aquela valorização porque é muito caro** (Fragmentos de entrevista do Participante 3, destaques nossos).

Este cenário aponta para a dependência de deslocamentos, muitas vezes até a capital, para venda de produtos, gerando custos adicionais e dificultando a continuidade da atividade laboral. Além disso, a falta de materiais que auxiliam na produção dos produtos artesanais, também aparece como um problema recorrente no cotidiano dos artesãos, sendo mencionada como uma das principais tensões do ofício e que ocasiona necessidade de cuidados à saúde mental.

Os entrevistados revelam características da informalidade e precarização, marcadas pela ausência de garantias estruturais e de políticas públicas que fortaleçam a atividade artesanal. Estudos sobre o ofício artesão apontam que, embora essa atividade esteja frequentemente associada à criatividade, autonomia e tradição cultural, ela também pode reproduzir relações desiguais de poder e condições laborais frágeis, especialmente quando não há suporte institucional, políticas de incentivo ou acesso facilitado a mercados e recursos produtivos (Marquesan & Figueiredo, 2014).

Nesse sentido, iniciativas como a redução no valor do transporte público ou a implementação de passe livre para deslocamentos voltados ao fazer artesanal poderiam contribuir significativamente para a sustentabilidade da atividade.

Essa demanda dialoga com a literatura sobre valores do trabalho no contexto da economia criativa, que evidencia que aspectos como realização profissional, criatividade e relações sociais são centrais para trabalhadores desse campo, especialmente no que se refere à valorização de atividades criativas e à contribuição para o desenvolvimento da sociedade (Silva et al., 2024). Além disso, as entrevistas também indicam a necessidade de maior divulgação de

direitos, programas e parcerias governamentais existentes, de modo que os próprios artesãos tenham acesso às informações e possam usufruir das políticas destinadas ao fortalecimento do setor.

Saberes populares e tradicionais indígenas, aprendizados e saúde mental na vida artesã

O trabalho artesão na região de Porto Nacional é marcado pela presença da cultura do saber tradicional indígena da região que é plantado, produzido, e colhido para feitura do ofício manual advindo do capim dourado. No estado do Tocantins e incluindo a região de Porto Nacional, há a produção de capim dourado (*Synгонanthus nitens*) que “é uma “sempre-viva”, espécie de planta que, após colhida e seca, consegue resistir consideravelmente ao tempo. É muito utilizada na decoração de interiores e confecção de artesanatos” (Santna; Sano; Junior & Lacerda, 2018, p. 46). O capim dourado que se encontra mais relacionado à sua produção na localidade do Jalapão, é também presente em todo o estado e em Porto Nacional. Desta planta, há uma larga variedade de produtos artesanais, desde acessórios de ornamentos pessoais até os que são específicos para enfeites de casa, como peças para cozinha e sala.

... mas **o artesanato não sustenta a gente**, não. E isso que eu vendo de capim dourado ainda. Junto com o meu crochê, eu faço crochê, faço macramê, não é? Junto com isso, ainda bem que nós temos o artesanato também, de um outro artesão, a minha filha trabalha com ele lá, monta as peças, e daí nós levamos juntos nas feiras e **vendemos bastante as peças do capim dourado, que é daqui da nossa região, não é?** Só que **não tem como viver só disso, e isso angustia a gente, ansiedade, choro, umas colegas com depressão e a gente não sabe o que fazer e nem pra onde levar** (Fragmentos de entrevista do Participante 3, destaques nossos).

A produção artesanal da localidade é variada, os artesãos fabricam peças de capim dourado, que realmente é uma fibra em cor dourada, apresentando semelhança a ouro, o que dá às peças e ao exercício laboral e manual mais sofisticação, no entanto, os artesãos locais, realizam a produção de outros artefatos com materiais variados, como por exemplo, bolsas, colares, artefatos para sala, quarto e cozinha, com capim dourado e outros materiais como fibra de babaçu, buriti, o famoso crochê, variados tipos de bordados, entre outros.

Os artesãos revelam que o fazer artesanal está profundamente enraizado em experiências de vida, memórias familiares e saberes transmitidos entre gerações, configurando-se como prática cultural coletiva, principalmente pela proximidade das terras dos povos tradicionais da região como o povo Xerente de Tocantínia. Nesse sentido, a ocupação manual expressa não apenas habilidades técnicas, mas também formas de ver e interpretar o mundo.

A relação com a natureza aparece como elemento central nas práticas artesanais, seja na escolha dos materiais, seja na inspiração estética das peças. Os recursos naturais utilizados carregam significados que ultrapassam sua dimensão utilitária, estando associados a modos de vida e a formas de relação com o ambiente. Dessa forma, o ofício manual aproxima-se de práticas educativas que ocorrem fora dos espaços formais, contribuindo para a formação integral dos sujeitos. Apresentamos a relação entre o valor simbólico da atividade artesanal e os processos históricos de precarização e vulnerabilização dos artesãos como algo duramente marcado por vulnerabilidade e precarização.

Já me procuraram, **se eu poderia dar uma oficina, ensinar o que eu sei**. Então, para mim, isso já foi gratificante demais. Teve um impacto muito bom. Até porque eu dar uma oficina? E diziam: Sim, seu trabalho é belíssimo! Então, gerou um impacto muito grande na minha vida, na comunidade. Porque a comunidade me procurar para fazer isso, é um sinal que o meu trabalho é digno, bonito, bom, criativo, que **eu sei ensinar**. Porque isso exige a dedicação. Então, é um impacto muito bacana. Para a gente que é artesão. Você procurar, participar da sociedade, da comunidade. A comunidade ver aquilo ali. Muito bom! Um impacto maravilhoso e valioso para nós! É o melhor reconhecimento, e **eu poder ensinar, repassar o que eu sei, amei ensinar** (Fragmentos de entrevista do Participante 3, destaques nossos).

Um aspecto relevante diz respeito à dimensão criativa do fazer artesanal. Os artesãos relatam processos de experimentação, adaptação e inovação em suas práticas, demonstrando que a tradição não se opõe à criatividade, mas, ao contrário, a alimenta. A criação artesanal envolve a mobilização de conhecimentos prévios e a abertura para o novo, configurando-se como processo de aprendizagem contínua. Outro ponto a destacar, a partir do fragmento do entrevistado, participante 3, mencionado anteriormente: “Só que não tem como viver só disso, e isso angustia a gente, ansiedade, choro, umas colegas com depressão e a gente não sabe o que fazer e nem pra onde levar” (Fragmentos de entrevista do Participante 3, destaques nossos).

A partir do relato do participante 3, observamos a importância de fortalecer e divulgar a Rede de Atenção à Saúde (RAS) que tem como objetivo “promover a integração sistêmica, de ações e serviços de Saúde com provisão de atenção contínua, integral, de qualidade, responsável e humanizada” (Brasil, 2010). Visa ainda, superar a fragmentação da atenção e da gestão do SUS, aperfeiçoando o seu funcionamento político-institucional, assegurando ao usuário o conjunto de ações e serviços de modo a respeitar a diversidade dos contextos regionais, diferenças socioeconômicas e necessidades de Saúde da população (Brasil, 2010).

No Brasil existem cinco Redes Temáticas de Atenção à Saúde que são organizadas com base na necessidade de enfrentamento de vulnerabilidades, agravos ou doenças que acometem as pessoas ou as populações. Após a pactuação tripartite no ano de 2011, foram estabelecidas as seguintes redes temáticas por serem pontos prioritários na Saúde do país: Rede Cegonha, de nº 3, de 28 de setembro de 2017, que tem um recorte de atenção à gestante e à criança até 24 meses, sobre esta Rede, destacamos que a partir da Portaria nº 715, de 4 de abril de 2022, instituiu-se a Rede de Atenção Materna e Infantil (RAMI), as demais redes são: Rede de Atenção às pessoas com Doenças Crônicas; a Rede de Cuidado à Pessoa com Deficiência e a Rede de Urgência e Emergência (RUE) e a Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), nº 3088, de 23 de dezembro de 2011, que no caso dos artesãos, é de suma importância fortalecer esta Rede, no que se refere aos problemas relacionados à saúde mental enfrentados no território que estão inseridos. Todas as redes têm caráter transversal dos temas: qualificação e educação; informação; regulação; promoção e vigilância à Saúde (Brasil, 2011).

As redes temáticas buscam produzir arranjos que articulem o acesso aos serviços de diferentes tipos, com vistas a garantir a integralidade da assistência à Saúde, possibilitando ao profissional e a população usuária uma melhor compreensão do Sistema de Saúde de forma a qualificar a assistência desenvolvida com vistas a contribuir para o fortalecimento do Sistema Único de Saúde (SUS).

Logo, os resultados também evidenciam condições de saúde e precarização presentes na produção artesanal. Apesar de seu valor cultural e identitário, os artesãos enfrentam a precariedade laboral e as questões relacionadas ao acesso a materiais, pois a natureza oferta a matéria-prima natural, como o capim dourado, mas há outros e novos meios de confeccionar as peças, com material, ferramentas mais modernas e menos prejudiciais à criação repetitiva manual nessa confecção, e também destacamos que os artesãos locais realizam outras produções com diversos materiais, como os citados anteriormente, o que ocasiona diversos custos de produção e que observamos a ausência de políticas públicas de incentivo aos artesãos, à saúde e à saúde mental, bem como qualidade de vida na produção laboral. Essa realidade aponta para uma desvalorização social da produção artesanal, que, muitas vezes, não é reconhecida em sua dimensão artística e cultural.

A análise das entrevistas revela, ainda, que a produção manufaturada funciona como espaço de resistência cultural. Ao manterem suas práticas, os artesãos preservam tradições, e produzem sentidos que desafiam lógicas hegemônicas de produção e consumo. Nesse contexto,

a produção artífice pode ser compreendida como prática que sustenta a continuidade de saberes tradicionais, culturais, identitários e contribui para a valorização da cultura local de Porto Nacional – TO, mesmo diante de desafios.

Considerações Finais

Os resultados revelam que o artesanato em Porto Nacional – TO se constitui um campo fértil para a compreensão das relações entre arte, saberes tradicionais e identidade, além de ser uma atividade econômica, o ofício artesão é prática cultural complexa, que articula dimensões simbólicas, sociais, afetivas, educativas que se relacionam com o sentimento de pertença e a saúde mental desse trabalhador.

Evidenciamos o caráter simbólico, identitário contrastado com a precarização da produção artífice, principalmente no que concerne à desvalorização da atividade artesã na região e dos saberes tradicionais, bem como destacamos a vulnerabilidade dos artesãos, em uma região de povos indígenas marcados por desigualdade historicamente produzida, mas combatida em resistência e luta por direitos sociais e cidadania.

Assinalamos como contribuições do estudo, a importância do fortalecimento cultural e da habilidade técnica manual artesã na região do interior do estado do Tocantins; e como limitações, embora a pesquisa qualitativa detenha-se em analisar os significados e sentidos, é importante outros métodos de pesquisa na região e com maior número de participantes, há apenas um recorte territorial específico do Tocantins, onde ressaltamos que a pesquisa está em andamento, bem como a importância do reconhecimento e valorização dessa prática, no âmbito das políticas públicas.

A pesquisa proporcionou observarmos que esta temática não esgota aqui e que outras perspectivas podem ser produzidas pensando a ampliação do número de municípios do estado, por exemplo, com estudos comparativos, e com número maior de participantes, inclusive que sejam mais jovens, e que possam ser estudos qualitativos e quantitativos.

Dessa forma, compreender o ofício manual como espaço de produção de conhecimento e de expressão cultural e identitária, nos permite ampliar as reflexões e discussões sobre as interfaces entre informalidade, precarização, os saberes tradicionais, e a saúde mental. Ao valorizar os saberes tradicionais e as práticas culturais locais, torna-se possível fortalecer iniciativas que promovam a sustentabilidade dessas atividades, a valorização e o reconhecimento dos artesãos nesses tempos de precarização laboral.

Referências

- Antunes, R. (Org.). (2020). *Uberização, trabalho digital e indústria 4.0* (1ª ed.). Boitempo. https://grupos.moodle.ufsc.br/pluginfile.php/2626858/mod_resource/content/1/Uberizac%CC%A7a%CC%83o%2C%20trabalho%20digital%20e%20Indu%CC%81stria%204.0%20-%20Ricardo%20Antunes.pdf.
- Antunes, R. & Druck, G. (2013). Terceirização como regra?. *TST*, 79(4), 214-231. https://juslaboris.tst.jus.br/bitstream/handle/20.500.12178/55995/011_antunes_druck.pdf?sequence.
- Araújo, V. S. (2014). *Tempo de (Re)Criação: Uma análise da relação tempo/trabalho através dos discursos de um grupo de artesãos de Juazeiro do Norte-CE*, [Dissertação de Mestrado], Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza (CE). <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/9549>.
- Arjona, F. B. S., Meneses, M. N., Cárcamo, M. I. C., Rocha, C. M. F., Dias, A. P., Machado, J. M. H., & Carneiro, F. F. (2024). A contribuição do pensamento de Paulo Freire para a Vigilância Popular em Saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, 29(6), e12312023. <https://doi.org/10.1590/1413-81232024296.12312023>.
- Bardin, L. (2016). *Análise de conteúdo*. São Paulo, Edições 70.
- Bendassolli, P. F. & Borges-Andrade, J. E. (2011). Significado do trabalho nas indústrias criativas. *Revista de Administração de Empresas*, 51(2), 143-159. <https://doi.org/10.1590/S0034-75902011000200003>.
- Brasil. Conselho Nacional de Saúde. *Resolução nº 466*, de 12 de dezembro de 2012. Diretrizes e Normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. Brasília. <https://www.gov.br/conselho-nacional-de-saude/pt-br>.
- Brasil. Ministério da Saúde. *Resolução nº 510*, de 7 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais cujos procedimentos metodológicos envolvam a utilização de dados diretamente obtidos com os participantes ou de informações identificáveis ou que possam acarretar riscos maiores do que os existentes na vida cotidiana. http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2016/res0510_07_04_2016.html.
- Carvalho, D. S. de., & Bendassolli, P. F. (2019). Processo de significação no trabalho para trabalhadores artesanais atuando em uma capital do Nordeste brasileiro. *Psicologia & Sociedade*, 31, e181444. <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2019v31181444>.
- Carvalho, J. C. (2021). *Capim dourado: artes do cerrado e as cosmopolíticas quilombolas*. [Monografia de Bacharelado em Ciências Sociais] – Universidade Federal do Tocantins, Campus de Porto Nacional, Porto Nacional. <https://umbu.uft.edu.br/bitstream/11612/3874/1/Jessica%20Cardoso%20Carvalho%20-%20Monografia.pdf>.

Ciampa, A. da C. (1989). Identidade. In: Lane, S. T. M., & Codo, W. (Orgs.). *Psicologia Social: O homem em movimento*. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 60-75.

Coutinho, A. R., & Cirino, S. M. (2019). Trabalho, identidade e reconhecimento: a “captura” da subjetividade do trabalhador no capitalismo contemporâneo: uma estratégia frustrada? *Espaço Jurídico Journal of Law [EJLL]*. 1-22. <https://doi.org/10.18593/ejll.11903>.

Costa, B. B. (2016). Paulo Freire: educador-pensador da libertação. *Pro-Posições*, 27(1), 93–110. <https://doi.org/10.1590/0103-7307201607906>.

Dejours, C. (2004). Subjetividade, trabalho e ação. Paris, França. *Revista Produção*, 14(3), 27-34. <https://doi.org/10.1590/S0103-65132004000300004>.

Dourados, B. B. (2015). A formação católica da juventude masculina de Porto Nacional. In R., J. I. L. da; Oliveira, M. C. A., & Balsan, R. (Orgs.). *Porto Nacional, patrimônio do Brasil: histórias e memórias*. Palmas, TO: Universidade Federal do Tocantins; EDUFT. <https://umbu.uft.edu.br/bitstream/11612/1431/1/Porto%20Nacional%20patrimonio%20do%20Brasil.pdf>.

Ferreira, M. de M. (1998). Desafios e dilemas da história oral nos anos 90: o caso do Brasil. *História Oral*, 1, 19-30. <https://doi.org/10.51880/ho.v1i0.90>.

Fraser, M. T. D., & Gondim, S. M. (2004). Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. *Paidéia*, 14(28), 139-152. https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2004000200004&lng=pt&tlng=pt.

Godoy, A. S. (1995). Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. *RAE - Revista de Administração de Empresas*, 35(2), 57-63. <https://www.scielo.br/j/rac/a/wf9CgwXVjpLFVgpnNkCgncC/?format=pdf&lang=pt>.

Grazziotin, L., Sgarbi, K. V., & Pereira, A. P. M. (2022). Pesquisa documental histórica e pesquisa bibliográfica: focos de estudo e percursos metodológicos. *Pro-Posições*, 33, e20200141, 1-21. <https://doi.org/10.1590/1980-6248-2020-0141>.

Guimarães, R. B., Catão, R. de C., Martinuci, O. Da S., Pugliesi, E. A., & Matsumoto, P. S. S. (2020). O raciocínio geográfico e as chaves de leitura da Covid-19 no território brasileiro. *Estudos Avançados*, 34(99), 119-140. <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/173374/162565>.

Ibge. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo Demográfico (2022)*. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, dados referentes ao município de Porto Nacional, Tocantins (IDHM). <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/to/porto-nacional.html>.

Koga, D. (2011). *Medidas de cidades: entre territórios de vida e territórios vividos*. 2 ed. São Paulo: Cortez.

Marquesan, F. F. S., & Figueiredo, M. D. de (2014). De artesão a empreendedor: a ressignificação do trabalho artesanal como estratégia para a reprodução de relações desiguais de poder. *Revista de Administração Mackenzie (RAM)*, 15(6), 76–97. <https://doi.org/10.1590/1678-69712014/administracao.v15n6p76-97>.

Mendes, L. A. S., Nunes, D. F., & Pires, E. F. (2015). Avaliação do conhecimento paleontológico com intervenção em escolas de ensino médio: Um estudo de caso no estado do Tocantins. *Holos*, 31(8), 384–396. <https://doi.org/10.15628/holos.2015.1991>.

Minayo, M. C. de S. (2006). *O Desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde*. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 64-100.

Minayo, M. C. de S. (Org.) (2007). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 26 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 61-77.

Pazos, P. de F. B., & Ferreira, A. P. (2024). Pessoa idosa, mercado de trabalho, idadismo e a saúde do trabalhador: Revisão de escopo. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 27, e240004. <https://doi.org/10.1590/1981-22562024027.240004.pt>.

Santna, H. M. de P., Sano, E. E., Junior, M. P. de O., & Lacerda, M. P. C. Estimativa da produção do capim dourado (*Syngonanthus nitens*) para subsidiar o seu extrativismo socioeconômico sustentável no Parque Estadual do Jalapão - TO. *Sociedade & Natureza*, 30(2), 45-67.

https://www.researchgate.net/publication/327506603_Estimativa_da_producao_do_capim_do_uradoSyngonanthus_nitens_para_subsiadiar_o_seu_extrativismo_socioeconomico_sustentavel_no_Parque_Estadual_do_Jalapao_TO.

Santos, B. S. (1996). Para uma pedagogia do conflito. In L. H. da Silva (Org.). *Novos mapas culturais, novas perspectivas educacionais*. Sulina.

Silva, F. E. R. da., Cabral, A. C. de A., Santos, S. M. dos., & Barros, C. de M. P. (2024). Valores do trabalho no contexto da economia criativa: um estudo com artesãs-empendedoras da cosmética natural. *Cadernos EBAPE.BR*, 22(2), 1-15. <https://doi.org/10.1590/1679-395120230131>.

Tocantins. Lei nº 2824, de 30 de dezembro de 2013. Institui a Região Metropolitana de Palmas, e adota outras providências. *Palácio Araguaia*, Palmas, TO, 30 dez. 2013. [Lei Nº 2824 DE 30/12/2013 - Estadual - Tocantins - LegisWeb](#).

Informações do Artigo / Article Information

Recebido em: 22/04/2026
Aprovado em: 10/06/2026
Publicado em: 10/07/2026

Received on April 22th, 2026

Accepted on June 10th, 2026
Published on July, 10th, 2026

Contribuições no Artigo: Os(as) autores(as) foram os(as) responsáveis por todas as etapas e resultados da pesquisa, a saber: elaboração, análise e interpretação dos dados; escrita e revisão do conteúdo do manuscrito e; aprovação da versão final publicada.

Author Contributions: The authors were responsible for the designing, delineating, analyzing and interpreting the data, production of the manuscript, critical revision of the content and approval of the final version published.

Conflitos de Interesse: Os(as) autores(as) declararam não haver nenhum conflito de interesse referente a este artigo.

Conflict of Interest: None reported.

Avaliação do artigo

Artigo avaliado por pares.

Article Peer Review

Double review.

Agência de Fomento

Não tem.

Funding

No funding.

Como citar este artigo / How to cite this article

APA

Cardoso, F. M. C., & Oliveira, M. G. S. (2026). Entre a tradição e a subsistência: Precarização do trabalho artesanal no interior do Tocantins. *Rev. Bras. Educ. Camp.*, 11, e20630.

ABNT

CARDOSO, F. M. C.; OLIVEIRA, M. G. S. Entre a tradição e a subsistência: precarização do trabalho artesanal no interior do Tocantins. **Rev. Bras. Educ. Camp.**, Tocantinópolis, v. 11, e20630, 2026.